

# PARA A Uma Nova Narrativa Europa

## O CORPO E A MENTE DA EUROPA

Enquanto artistas, intelectuais, cientistas e, antes de mais, enquanto cidadãos, é nossa responsabilidade participar no debate sobre o futuro da Europa, sobretudo no momento atual, em que tanto está em jogo. Há que restabelecer a confiança na Europa. À luz das atuais tendências mundiais, é necessário reafirmar os valores da dignidade humana e da democracia. As narrativas populistas e nacionalistas não podem prevalecer.

*O corpo e a mente da Europa* é a nossa resposta ao apelo do Parlamento Europeu e do Presidente da Comissão Europeia no sentido da criação de uma nova narrativa da Europa para todos os cidadãos. O presente documento não é um ponto de chegada. É antes um catalisador que, assim o esperamos, virá estimular novas contribuições para o debate.

Estamos convictos de que é fundamental compreender o que a Europa representa como «estado de espírito» para que possa existir um verdadeiro órgão político, que funcione adequadamente. Também sabemos que uma narrativa que ligue o passado remoto e recente da Europa ao presente e ofereça uma visão para o futuro é igualmente essencial.

**A Europa é um estado de espírito** construído e fomentado pela sua herança espiritual, filosófica, artística e científica e movido pelos ensinamentos da história. Deve também, agora, tornar-se um órgão político genuíno e eficaz, dotado da capacidade e sensibilidade necessárias para responder a todos os desafios e dificuldades que os cidadãos europeus enfrentam hoje e irão enfrentar no futuro. Do desemprego juvenil às alterações climáticas, da imigração à segurança dos dados, a lista é longa, e a urgência é ainda maior.

**A Europa é um estado de espírito** que não se limita a um grupo de Estados-nação, a um mercado interno e aos contornos geográficos de um continente. É uma responsabilidade moral e política, que deve ser assumida não apenas pelas instituições e pelos políticos, mas por cada europeu. A Europa é uma fonte de inspiração vinda do passado, uma emancipação no presente e a aspiração a um futuro sustentável. A Europa é uma identidade, uma ideia, um ideal.

**A Europa é um estado de espírito** partilhado pelos cidadãos em todo o continente. Os estudantes, investigadores, académicos, artistas, profissionais e políticos que vivem, estudam, trabalham, pensam e viajam para além das fronteiras nacionais fazem-no a fim de aprofundar e expandir os seus conhecimentos, dar livre curso à sua criatividade e alargar as suas oportunidades. Retraçam e renovam o caminho trilhado pelos homens e mulheres que, desde a Antiguidade, e de modo crescente durante o Renascimento e o Iluminismo, criaram na Europa uma gramática partilhada de música e arte, um corpus comum de ciência e filosofia, uma espantosa riqueza literária e uma rede de trocas florescente.

**A Europa é um estado de espírito** partilhado pelos homens e mulheres que, com a força das suas convicções, tanto religiosas como seculares, sempre fizeram brilhar a sua luz nas horas mais negras da história europeia e criaram novas comunidades de espírito e labor. Ao longo dos séculos, os indivíduos uniram-se para participar em movimentos cívicos, políticos e sociais que defenderam os direitos das pessoas sem poder, dos marginalizados, dos excluídos e de quem se define como diferente.

**A Europa é um estado de espírito** enraizado nos seus valores partilhados de paz, liberdade, democracia e Estado de direito. Nos dias de hoje, é necessária vigilância para reafirmar e reforçar continuamente os princípios e valores fundamentais que, desde o início, estiveram intrinsecamente associados à «razão de ser» da Europa. Importa recuperá-los e torná-los relevantes para os cidadãos europeus de hoje e de amanhã, e defendê-los contra pressões internas e externas.

**A Europa é um estado de espírito** que existe igualmente para além das suas fronteiras. Os seus valores e princípios comuns atraem um sem-número de pessoas, para quem as realizações e a solidariedade europeias são uma fonte de encorajamento. Ao mesmo tempo, a Europa nunca deverá esquecer que a sua prosperidade dos tempos modernos esteve muitas vezes associada à conquista colonial e foi, pois, atingida à custa das populações de outros continentes.

## EVOLUÇÃO DA NARRATIVA EUROPEIA

A história da Europa foi marcada por esplendor e miséria. Os seus alicerces judaicos, greco-romanos e cristãos foram sempre confrontados com as crenças de outras religiões e de outros sistemas de governo. O estado de espírito da Europa amadureceu e encontrou um equilíbrio apenas na era moderna e após as terríveis catástrofes do século XX, tendo conduzido à ideia de unidade na diversidade.

O período de 100 anos entre 1914 e 2014 foi marcado por três desafios e transformações fundamentais.

### • O FIM DA GUERRA

O projeto de integração europeia nasceu, como uma fénix, das cinzas da primeira e segunda guerras mundiais. Há 100 anos, a Europa perdeu a sua alma nos campos de batalha e nas trincheiras. Mais tarde, os campos de concentração e os sistemas totalitários associados ao nacionalismo exacerbado, ao antissemitismo, à abolição da democracia e do Estado de direito, ao sacrifício da liberdade individual e à supressão da sociedade civil ditaram a sua própria condenação. Porém, após o final da Segunda Guerra Mundial, o ideal de uma Europa unida por um princípio de respeito mútuo e pelos valores da liberdade e da democracia trouxe a redenção. A Europa pôde reaver a sua alma. Atualmente, o processo de integração europeia opõe-se a todas as formas de guerra.

### • A QUEDA DA CORTINA DE FERRO

1989 marcou uma nova era para a Europa. A mobilização de energias, paixão e resistência contra os regimes comunistas e a sua ideologia obtusa foi-se desenvolvendo ao longo dos anos através dos países da Europa Central e Oriental. Nos anos que se seguiram a 1989, o valor da democracia foi restabelecido e o mercado livre tornou-se uma realidade em toda a Europa. A livre circulação de pessoas, bens, serviços e ideias foi uma vitória extraordinária sobre mentalidades que procuravam impor uma visão única da realidade e levantar barreiras. A transformação de uma Europa polarizada numa Europa multipolar deu origem a uma nova era de interconexão e interação entre as pessoas e países. Foi a União Europeia que proporcionou o enquadramento visionário e o

rumo necessário para fazer face ao enorme desafio da reunificação da Europa. A Europa começou a pulsar em unísono: as suas inúmeras artérias encontraram um coração.

## • O REBENTAR DA BOLHA

2008 marcou o início da crise económica, que conduziu à perda de milhões de postos de trabalho e ao aumento do desemprego para níveis impensáveis nos países europeus. A narrativa dominante da altura, caracterizada pela crença na capacidade de autorregulação dos mercados e pelo enaltecimento da especulação ávida de lucro, colidiu com a realidade de forma dramática. Os sistemas de controlo económico e financeiro tiveram de fazer uma viragem drástica e foram subitamente obrigados a assumir responsabilidades. A União Europeia tomou medidas a fim de acelerar esta mudança para uma governação política mais forte dos sistemas financeiros. Esta evolução deve agora ser complementada por uma maior insistência na governação civil, inspirada pelos paradigmas comuns de democracia participativa e de sustentabilidade, que apontam para um novo horizonte de esperança, solidariedade e responsabilidade para todos os europeus.

Numa altura em que a cultura é considerada uma opção e não algo de essencial, tornou-se difícil contar uns aos outros a mais simples história, quanto mais articular narrativas motivadoras sobre os valores que estão subjacentes à nossa sociedade. No entanto, este é o momento certo para narrativas motivadoras que vão mais além do que um mero repisar de números.

## PONTO DE ENCONTRO ENTRE O RENASCIMENTO E O COSMOPOLITISMO

A Europa precisa de uma mudança de paradigma para a sua sociedade – na realidade, precisa de nada menos do que um «Novo Renascimento». O termo evoca a memória das revoluções do pensamento que surgiram nos séculos XV e XVI. Este foi um período em que a sociedade, a arte e a ciência abalaram a ordem estabelecida e criaram as bases para a atual era da Sociedade do Conhecimento. A Europa dispõe dos meios necessários para se manter na vanguarda desta era. Deve igualmente posicionar-se como expoente mundial de um estilo de vida sustentável e ser uma força impulsionadora e inspiradora tanto na conceção como na aplicação de uma agenda global para o desenvolvimento sustentável. Para se atingir este objetivo, importa cuidar não só da biodiversidade, mas também da diversidade cultural e do pluralismo.

Sem descurar a importância da legislação económica e financeira, impõe-se um reajustamento urgente das prioridades no quadro da entidade política que é a Europa, e esta tem de reconhecer que a cultura é um contributo fundamental para nutrir o órgão político e social europeu.

- **A Europa enquanto órgão político** precisa das ciências – naturais, técnicas e sociais – para encontrar soluções inovadoras que permitam reduzir a intensidade e extensão da utilização de energia, para encorajar o uso de energias renováveis, para desenvolver ou redescobrir medicamentos, terapêuticas e formas de vida que melhorem o bem-estar da humanidade. As tecnologias devem tornar-se uma extensão autonomizadora da criatividade e da sociedade. .
- **A Europa enquanto órgão político** necessita da arte para criar formas de imaginação novas e radicais que eduquem a sua sensibilidade. A arte moderna era inicialmente um fenómeno europeu, que tomou como grande fonte de inspiração outras culturas não europeias. Interligou correntes artísticas de todo o continente que partilhavam um interesse geral pela diferença e um desejo de emancipação.

- **A Europa enquanto órgão político** deve reconhecer o valor do património cultural, tanto material como imaterial. Numa análise retrospectiva constata-se que o património europeu foi construído não só através das gerações, mas também através das comunidades e dos territórios. O património cultural revela o que significou ser europeu ao longo do tempo. É um instrumento poderoso que assegura um sentimento de pertença entre os cidadãos europeus.

Para libertar esse potencial, **a Europa enquanto órgão político** necessita de desenvolver um novo cosmopolitismo para os seus cidadãos, que englobe ambientes urbanos dinâmicos e criativos e uma concorrência sã entre as cidades. As cidades europeias devem ser algo mais do que centros urbanos. Devem procurar tornar-se capitais de cultura, melhorando a qualidade de vida de todos os europeus. Por que não começar a imaginar a Europa como uma enorme megalópole, interligada por meios de transporte e de comunicação?

**A Europa enquanto órgão político** deve utilizar plenamente o seu «poder suave», não só em todo o continente mas também para além das suas fronteiras, a fim de se tornar um parceiro internacional respeitoso e respeitado que promova um novo modelo global de sociedade baseado em valores éticos, estéticos e sustentáveis.

Para que este novo órgão político tome forma, a Europa precisa de um forte compromisso coletivo:

- A Europa precisa de líderes políticos corajosos, imaginativos e esclarecidos que falem e compreendam a língua da Europa enquanto órgão político, animado e dinamizado pela cultura.
- A Europa precisa igualmente de artistas e cientistas, educadores e jornalistas, historiadores e sociólogos, empresários e funcionários públicos que estejam preparados para sair da zona de conforto da sua autonomia e assumir novas responsabilidades para com a Europa enquanto órgão político.
- Por último, a Europa precisa que os cidadãos façam ouvir a sua voz e participem no espaço público europeu de debate, partilhando as suas histórias e preocupações. Essas narrativas contarão a história do que significa ser europeu no século XXI.

Enquanto artistas, intelectuais e cientistas, é nossa missão oferecer uma narrativa a partir do nosso ponto de vista, que, estamos confiantes, estimulará o debate sobre o futuro da Europa. O Renascimento e o cosmopolitismo são dois ideais culturais a que aspiramos e que consideramos vitais para a Europa de hoje e de amanhã.

**MEMBROS DO COMITÉ CULTURAL DO PROJETO «UMA NOVA NARRATIVA PARA A EUROPA»**  
Kathrin DEVENTER - Paul DUJARDIN - Olafur ELIASSON - Rose FENTON - Cristina IGLESIAS - Michal KLEIBER - György KONRAD - Rem KOOLHAAS - Yorgos LOUKOS - Peter MATJASIC - Jonathan MILLS - Michelangelo PISTOLETTO - PLANTU - Sneska QUAEDVLIEG-MIHAILOVIC - Thomas SEDLACEK - Luísa TAVEIRA

**SÍTIO OFICIAL** : <http://ec.europa.eu/debate-future-europe/new-narrative>